



Universidade
Estadual da
Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

SEVERINO DO RAMOS DE SOUSA SILVA

RIO TINTO: Como Tudo Começou

GUARABIRA– PB
2016

SEVERINO DO RAMOS DE SOUSA SILVA

RIO TINTO: Como Tudo Começou

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. Juvandi de Sousa
Santos

GUARABIRA– PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Severino do Ramos de Sousa
Rio Tinto: [manuscrito] : como tudo começou / Severino do
Ramos de Sousa Silva. - 2016.
46 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Juvandi de Sousa Santos, Departamento de
História".

1. Fábrica. 2. História. 3. Nordeste. 4. Rio Tinto. I. Título.
21. ed. CDD 981.33

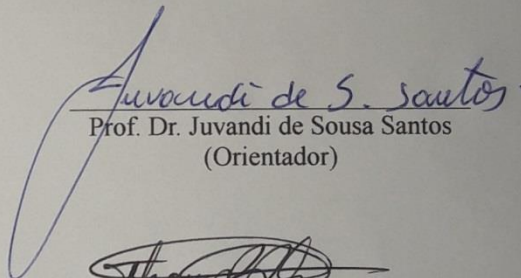
SEVERINO DO RAMOS DE SOUSA SILVA

RIO TINTO: Como Tudo Começou

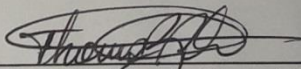
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História. Área de concentração: Humanas.

Aprovado em: 19 / 05 / 2016

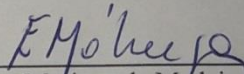
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Juvandi de Sousa Santos
(Orientador)



Prof. Me Thomas Bruno Oliveira
(Examinador) Externo



Prof.^a Dr.^a Elisa Mariana de Medeiros Nobrega
(Examinador) Interno

A Deus, pelo dom da vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter permitido que eu existisse.

Aos meus pais por terem me orientado sempre na direção da honestidade e dos bons costumes.

Aos meus mestres que sempre tiveram de bom grato, uma atenção e um carinho formidável por mim.

Aos meus amigos (a) de turma que sempre foram atenciosos e prestativos, que dividiram comigo momentos distintos e especiais principalmente, no espaço acadêmico.

Ao meu orientador, Professor Doutor Juvandi de Sousa Santos, um profissional competente e admirável.

Aos meus educadores do ensino fundamental e médio.

RESUMO

Nesse trabalho discorreremos sobre a chegada dos Lundgren ao Engenho da Preguiça, posteriormente nomeado Rio Tinto, do embate entre o projeto dos Lundgren e a cultura Potiguara/tratamos também da instalação da Fábrica de Tecidos Rio Tinto e da participação desta na fundação da cidade. Baseando-se na História Oral e no uso de fontes históricas, pesquisamos sobre os discursos que emergiam num pós-guerra, nas lendas e sentimentos nacionalistas explícito de maneira tão efervescente nessa cidade, que entre as décadas de 20 a 60 do século XX foi um polo fabril que se destacava no Nordeste. Analisando como uma cidade nordestina projetada em molde europeu após o conhecido quebra-quebra começou a traçar sua própria existência

Palavras chave: Fábrica. História. Nordeste, Rio Tinto.

ABSTRACT

In this work we talk about the arrival of Lundgren to the mill of laziness, later named Rio Tinto, the clash between the Project of Lundgren and culture Potiguara. We also talk about the textile Factory Rio Tinto and its participation in the foundation of the use of historical sources, we researched the emerging discourses in a post-war, legends and nationalist feelings explicit so fizzy in this town that between the decades of 1920 to 1960 years of the XX th century was an industrial pole that highlighted in the Northeast. Analyzing how a northeastern town designed in European mould after the known as break-break began to plot its own existence.

Keywords: Factory, History, Northeast, Rio Tinto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Fabrica de Tecidos Rio Tinto inaugurada em 27 de dezembro de 1924.....	17
FIGURA 2. Hospital de Rio Tinto em 1940.....	20
FIGURA 3. A Águia Nazista situada em alto relevo no lado esquerdo da fachada frontal da Igreja Santa Rita de Cássia em Rio Tinto.....	22
FIGURA 4. Estátua do coronel Frederico Lundgren.....	22
FIGURA 5. Palacete dos Lundgren em 1945.....	24
FIGURA 6. Cinema-Teatro Orion, inaugurado em 1944, com capacidade para cerca de 1.200 pessoas, um espaço de lazer dos trabalhadores patrocinado pela fábrica. Arquivo Antônio Luiz (Rio Tinto-PB).....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. CAPITULO I.....	3
1.1. Como Tudo Começou.....	3
1.2. A decadência do Grupo Lundgren.....	12
2. CAPITULO II.....	15
2.1. A Importância da Família Lundgren Para Rio Tinto.....	15
3. CAPITULO III	23
3.1 O Algodão e a Crise Na Indústria Têxtil Nordestina.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma análise sobre a história do município de Rio Tinto localizado no litoral paraibano, tendo com o propósito entender toda sua trajetória, desde a chegada da família Lundgren com a execução de um projeto grandioso que resultou em um dos maiores polos industrial da época até a crise do algodão e o declínio da indústria têxtil na região nordestina.

O que levou a escolha desse tema foi à busca pela compreensão de como um território relativamente pequeno veio a se tornar um dos mais influentes municípios da Paraíba. O despertar para essa realidade foi a partir de um trabalho realizado no ano de 2011 sobre história local que abordava a origem de Rio Tinto, o que motivou a pesquisar de forma mais aprofundada a história do município.

Com o resultado desse trabalho e uma pesquisa mais aprofundada no tema, estruturamos esse projeto em três capítulos com cinco tópicos relacionados à história de Rio Tinto.

O primeiro capítulo está subdividido em dois tópicos, sendo dado uma visão geral do surgimento do território paraibano, ou seja, o seu desmembramento da capitania de Itamaracá dando origem a capitania Real da Paraíba e todo o seu processo de conquista, a chegada do Coronel Frederico João Lundgren a Mamanguape onde veio a adquirir terras na região da antiga Vila da Preguiça, onde começou o processo de construção da fábrica e posteriormente o seu funcionamento vindo a se tornar uma referencia em toda região Nordeste, já na segunda parte é abordada a decadência do grupo Lundgren, apontando os fatores que contribuíram para esse declínio.

O segundo capítulo está subdividido em um tópico, o mesmo vem tratando da importância da família Lundgren para Rio Tinto, onde temos uma breve explanação do surgimento da indústria, a primeira e segunda Revolução Industrial, o surgimento da indústria no Brasil e, enfim, o impacto da passagem da família Lundgren, abordando aspectos culturais, econômicos, as relações de trabalho entre patrões e empregados e a arquitetura presente até hoje na cidade.

Por fim, o terceiro capítulo individualiza um tópico que vem abordando a importância do algodão para o desenvolvimento da indústria em Rio Tinto, para que possamos compreender tal fato é feita uma breve retrospectiva do uso do algodão desde o seu surgimento nos séculos antes de Cristo, passando pelo seu cultivo no continente Americano, e seu cultivo na região Nordeste e os motivos que levaram ao deslocamento do cultivo para outras regiões do país.

Há também uma atenção voltada para o declínio da indústria têxtil nordestina onde será apresentado inicialmente o desenvolvimento da mesma aqui no Nordeste, o período de prosperidade e os fatores que vieram a desencadear a crise no setor destacando-se a forte concorrência da região Centro Sul do Brasil.

Assim sendo a transformação histórico-cultural diversa na qual se operou em nossa “cidade fabril” destacou a importância do município de Rio Tinto no cenário paraibano transparecendo na qualidade dos seus produtos e serviços o qual destacava o município fazendo com que sua logomarca C.T.R.T. fosse procurada e respeitada em todo âmbito nacional e internacional principalmente nos EUA e Europa.

1. CAPITULO I

1.1. Como Tudo Começou

Como a divisão da capitania de Itamaracá em duas surge a capitania Real da Paraíba, onde o limite se situava entre o Rio Goiana e a Baía da Traição. Os índios encontrados no território pertenciam a grupos indígenas diferenciados, divididos entre tribos que habitavam desde o litoral até as regiões dos sertões, estes índios tinham sua própria chefia e autonomia. No litoral estavam os Tupis (Potiguaras e Tabajaras) índios que falavam a língua chamada pelos portugueses de Tupi ou geral, os índios que estavam mais para dentro das terras da colônia a cerca de 90 km da costa, eram os Tapuias (Tarairius e Cariris). Dada a dificuldade de compreensão dos portugueses da língua (macro-jê e jê) falada pelos respectivos Tapuias, essa língua foi chamada de “língua travada ou língua Bárbara” de difícil compreensão.

Os índios da Paraíba viviam em constantes guerras tribais, mas a chegada dos portugueses a colônia causou por parte dos índios a noção de um novo inimigo, dessa forma houve uma aliança informal na luta de resistência, na qual cada tribo combatia os invasores europeus. A história da conquista desta terra que hoje é a Paraíba foi feita com muita resistência, até a definitiva dominação do litoral paraibano (1585). Vale ressaltar que a conquista desta terra por parte dos portugueses só foi possível naquele momento da história, devido ao rompimento entre as tribos (Potiguaras e Tabajaras) que estavam no litoral. (MELLO, 2002, p. 29-30).

A Capitania Real da Paraíba tinha por donatário Frutuoso Barbosa que por volta de 1582, empreende a conquista das terras da Capitania, almejando acima de tudo conter a resistência indígena. Ao chegar na Capitania, Frutuoso constatou a presença dos franceses que não aceitavam o acordo que dividia o mundo entre portugueses e espanhóis feito em 1494 (Tratado de Tordesilhas). Os franceses desde sua chegada a capitania incitaram os índios a lutarem contra as tropas da Coroa Lusa, contudo, Frutuoso ao chegar a Capitania da Paraíba, incendiou as naus francesas, prendendo alguns índios, acreditando assim ter cessado a resistência.

Porém, um mês mais tarde, Frutuoso acabou sendo surpreendido pelos índios Potiguaras, caindo em uma emboscada na qual muito de seus homens morreram inclusive seu filho, abalado com a tragédia, Frutuoso Barbosa acabou abandonando a Capitania Real da Paraíba. Por volta do ano de 1584 houve um racha na luta de resistência contra os invasores europeus por parte dos índios, os Potiguaras acreditavam que os Tabajaras eram “compassivos” demais com os portugueses. Em virtude da rivalidade que existia entre as tribos, surgiu uma aliança

entre os portugueses e os Tabajaras, onde esses índios comprometiam-se a não atacar os colonizadores portugueses.

No dia 05 de agosto de 1585, foi selado este acordo entre Tabajaras e portugueses, onde estes índios comprometiam-se também a lutar junto aos portugueses na guerra contra os Potiguaras, esse acordo entrou para a história oficial como o dia da conquista da Paraíba. Após a união acima citada, os Potiguaras ficaram fragilizados, muitos morreram em outros confrontos, a grande maioria migrou mais para o norte, restaram pouquíssimos índios que se refugiaram e se isolaram na região polarizada pela Baía da Traição onde permanecem até os dias atuais. Após a conquista da Capitania Real da Paraíba a administração foi entregue ao Capitão João Tavares, no início de sua administração em 1585, João Tavares teve problemas com os franceses que retornaram a Capitania e juntos com alguns dos Potiguaras continuaram resistindo. João Tavares foi ,inclusive, auxiliado por Martim Leitão que veio de sua Capitania, Pernambuco, para ajudá-lo na luta contra índios e franceses combatendo até que o último contingente de franceses fosse eliminado da capitania; no final de 1587, houve um período de paz na capitania. COSTA (1986, p.38).

A capitania torna-se a 3º maior em nível de lucros para a coroa portuguesa, só perdendo para Pernambuco e Bahia. Já não se tinha tanto interesse no Pau-brasil, pois a madeira foi substituída pelo açúcar, dessa forma a prioridade passa a ser a construção de canaviais e o aumento da produção de gado para a subsistência. Após a vitória frente aos franceses, a Capitania Real da Paraíba ainda teria grandes problemas com as invasões holandesas. Em 1654 os holandeses são expulsos definitivamente e o território passa a se chamar definitivamente Parahyba (capital) que em 1917, Arthur Barbosa de Góis, a mando do coronel Frederico João Lundgren, chegou a Mamanguape com o objetivo de comprar terras. Frederico era filho do falecido Herman Theodor Lundgren, imigrante Sueco que era pai de mais quatro filhos, por isto Frederico era também seu herdeiro, chegou ao Brasil em meados do século XIX, com a ideia de fazer fortuna. No mesmo ano de 1917, Arthur de Góis, adquiriu do coronel Alberto Cesar de Albuquerque as terras da antiga Vila da Preguiça que media 660/km² onde mais tarde seria construída a cidade fabril de Rio Tinto, estas terras da Vila da Preguiça pertenciam ao município de Mamanguape, que na época era formado pelos municípios de: Jacaraú, Mataraca, Mamanguape atual, Itapororoca, Baía da Traição e Rio Tinto.

Com a aquisição da Vila da Preguiça, em 1917, pelo coronel Frederico, começou o serviço de assentamento da cidade e da fábrica. Em 1918, constituindo-se em drenagem, aterros em áreas de manguezal, desmatamento e plantação de dezenas de eucaliptos, responsável pela

drenagem do solo alagado da região, pois as terras eram banhadas pelos rios Mamanguape, rio do Gelo e rio Tinto. O local escolhido para a construção da vila operária de Rio Tinto, localiza-se a 50 km da capital e 6 km de Mamanguape.

O local ficava cercado de florestas naturais, onde era fácil a extração da madeira para o consumo da fábrica, por ser situada em planície de terra baixa, que corresponde ao curso inferior do rio Mamanguape, e já nas proximidades da embocadura deste, Rio Tinto é cortado por vários pequenos riachos e rios, como o rio Miriri, Jacaré e Estiva, os riachos Vermelhos e a Lagoa de Boa Vista, por ter abundância de água, ficava fácil o cultivo de lavouras como o arroz, a mandioca, o feijão e vários outros tipos de frutas e hortaliças, o que auxiliava no consumo dos operários da Companhia Lundgren. (Melo, 1988 p. 84).

Na segunda década do século XX, os irmãos Lundgren: Frederico e Artur já detinham a tradição da indústria têxtil, graças à sua fábrica adquirida em Paulista, Pernambuco. Nesse município o domínio da família Lundgren verificava-se na vida econômica, social e política, as relações de trabalho caracterizavam-se por ter caráter paternalista e assistencialista junto aos operários da fábrica, dessa forma os Lundgren conseguiram inibir os seus empregados ou até mesmo fazer com que eles não tivessem consciência da classe profissional que representava, criava-se a imagem de um senhor feudal, e ao mesmo tempo de um chefe paternalista que tudo resolvia, cabendo-lhe somente obedecer.

À frente da já prospera fábrica de tecidos Paulista, o grupo Lundgren resolveu ampliar suas atividades com a construção de outro estabelecimento que fosse compatível em tudo e por tudo de acordo com o mais avançado padrão técnico industrial da época; não seria apenas uma fábrica, mas uma ousada experiência social, pois no projeto já estava previsto o futuro: da fábrica, a vila, da vila a cidade.

Na verdade, estava nos planos dos Lundgren a recuperação de sua antiga posição, uma vez que já vinham perdendo um pouco de sua influência sobre Paulista. O terreno propício deveria ser em áreas mais afastadas das fortes radiações urbanas, para que pudesse fazer prevalecer seu sistema de poder industrial remanescente do protótipo inglês de cidade-fábrica, voltado a assumir as mesmas características fechadas; onde exercessem o controle da vida da cidade, sobretudo, da população, não permitindo o aparecimento de quaisquer outras atividades produtivas, sejam de dentro ou de fora da cidade.

Na antiga Vila Regina, hoje aldeia de Monte Mor, ocorreu nesse período à noite das queimadas, baseando-se em discursos locais, a noite das queimadas teria emergido em meio a um dos vários embates entre Lundgren e Potiguaras cujo mesmo ocorrem ainda em dias atuais. Tudo teria começado quando o cacique Valdemar Paulo Ribeiro que era o chefe da

localidade do aldeamento de caboclos da Aldeia Preguiça. Tendo este recebido a visita de emissários dos Lundgren e propuseram derrubar as choças de palha dos caboclos e substituí-las por casas de alvenaria. No entanto, o cacique Valdemar não consentiu e misteriosamente três dias depois um incêndio queimou e destruiu os casebres, facilitando o projeto que os Lundgren tinham para o antigo aldeamento que era transformar todo o aldeamento e adjacências em vilas operárias, como realmente aconteceu.

No final de 1939, a empresa logrou expulsar da antiga Vila da Preguiça as últimas famílias ali residentes, fato denunciado pelo posto indígena ao Instituto Regional do Ministério do Trabalho.

Comunico-vos que compareceram a sede deste posto nesta data, os índios abaixo mencionados do aldeamento do Montemor, que vieram queixar-se e solicita providência par a coação que estão sendo vitimas por parte da companhia da Fábrica de Tecidos Rio Tinto, que ameaça expulsa-los de seu aldeamento como fez já alguns mais tímidos (oficio nº 26, 1939). Decreto-Lei nº 1.215 de 26 abril de 1939.

Segundo Amorim (1970) a companhia conquistou parte bastante significativa das terras dos índios Potiguaras de Montemor e estabeleceu relações de trabalho com os mesmos. Parte da mão-de-obra não qualificada para a conservação de estradas, caminho e construção de roçados, utilizados pela companhia, foram recrutada dos índios Potiguaras, como também lhe eram reservados a tarefa do corte de madeira nas reservas florestais da área.

Segundo Baumann (1981), em relatório elaborado para a Fundação Nacional do Índio são lançadas dúvidas sobre a legitimidade das terras.

Em suma os terrenos demarcados e divididos em lotes distribuídos aos índios de Montemor estão atualmente ocupados pelos grandes industriais Lundgren e os terrenos que figuram como devoluto no referido anexo também fora açambarcados pelos mesmos (BAUMANN, 1996, p. 75).

Pelo exposto relatório fica evidente que os Potiguaras não abdicaram de suas terras, mas foram expulsos contra a sua própria vontade. Os Potiguaras moradores do antigo aldeamento Potiguara hoje reconhecido como aldeia Monte-Mor até os dias atuais lutam pela pose de uma terra que segundo eles lhe pertenciam.

Com os serviços da construção da vila operária em andamento no ano de 1918, o grupo Lundgren sente a necessidade de instalar uma olaria que produzisse os tijolos para a implantação das primeiras edificações, estes tijolos eram timbrados com o nome do empreendimento, as casas possuíam portas e janelas pintadas de branco e azul, as cores da companhia, estas casas substituíram as antigas palhoças, chegaram a um total de 2.613

compreendido no período entre 1920 a 1948. Em 1923 foram construídos os clubes a farmácia, feiras semanais, padaria, a igreja e o grupo escolar, o barracão e o hospital em 1940 e em 1945 a cantina. A construção da fábrica, montagem das oficinas e casas de força e instalação dos equipamentos das oficinas deu-se entre 1923 e 1941, a fábrica começou a funcionar em 1924. (GÓIS, 1963, apud BARROS, 2002).



Figura 1- Fábrica de Tecidos Rio Tinto inaugurada em 27 de dezembro de 1924. Fonte:

<http://www.riotintopb.com.br/v2006/cida.php> (2011).

O grupo Lundgren recorreu ao capital europeu (Inglaterra e Alemanha), para a montagem da fábrica têxtil, com antigos teares vindo de Lanchisre e Manchester, a fábrica possuía uma secção de 6.400m², onde abrigava 31 bancos (grosso, intermediários e finos) de 13.000 furos, 45 máquinas de cardar, 05 urdideiras, 37 máquinas de cortar, 09 máquinas de esfriar, 03 engomadeiras. Para o recrutamento da mão-de-obra, era utilizada a pregação de ótimo salário e a promessa de moradia gratuita, a maioria iludida com o discurso das melhorias oferecidas pela Cia. muitos deixavam as usinas e fazendas onde trabalhavam para aventurarem-se nesta empreitada, chegando a Rio Tinto, eram alocadas em casas ou galpões, em conjunto com outros grupos, muitas vezes encontrava-se morando numa mesma casa ate quatro famílias.

Muitos destes operários empregados pela companhia eram crianças e adolescentes. Fato este que de acordo com Moura (1999, p.259) “para muitos menores, a atividade produtiva traduziu-se, portanto, em sequelas físicas irreversíveis e na morte prematura”. A indústria têxtil correspondia, portanto, ao setor de maior absolvição de mão-de-obra e grande parte dos trabalhadores que empregava eram crianças e adolescentes.

Quando se refere aos salários (MOURA, 1999, p.273) afirma os salários que eram pagos as crianças eram inferiores em relação à mão-de-obra adulta, aproximavam-se mais dos salários femininos e distanciavam-se significativamente dos salários masculinos.

Para funcionamento da fábrica a Companhia utilizava uma usina de força e energia termoelétrica, esta mesma usina termoelétrica era responsável pelo abastecimento da

comunidade deixando claro que a energia só era cedida a chefia da Cia., essa central energética, aperfeiçoada ao longo do tempo na base de caldeiras, bateria e motores a óleo diesel, permaneceu em funcionamento até à segunda metade dos anos cinquenta, esta usina começou com a capacidade de 600/HP, tratava-se da usina velha cujos vapores asseguravam força para movimentar as máquinas, é importante ressaltar que a estação de luz de Mamanguape funcionava através de um empréstimo de um dínamo cedido pela Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT). A partir do meado dos anos cinquenta é que a CTRT consegue trazer energia elétrica para Rio Tinto através de um empréstimo feito a CHESF, de 20.000 vinte mil contos de réis, logo a companhia torna-se sua concessionária.

Para a implantação da fábrica de Rio Tinto o grupo Lundgren teve uma concessão de 25 anos de carência de impostos, porém ficando responsável de efetuar os serviços de saúde, segurança, lazer e educação, estas atuações nas principais áreas de formação do indivíduo, possibilitou que o grupo Lundgren pudesse exercer o poder de monopolização perante o operariado e a população a Cia. constrói o grupo escolar Herman Lundgren, onde as crianças tinham desde cedo uma educação voltada aos interesses da Cia para poderem dar boa produtividade no trabalho fabril e lucro. Esta instituição de escola da fábrica tinha como orientador educacional o engenheiro agrônomo José de Oliveira Lopes Ribeiro, homem de extraordinária cultura geral, matemático e poliglota, tão competente como disciplinador o educador fazia uma escolha de seus alunos para compor a “elite intelectual de Rio Tinto”. Por este motivo, entre o fim dos anos vinte as décadas de trinta e parte de quarenta, 1928 á 1944 fica excluída a maioria dos jovens a ter acesso à escola.

Ainda existiam as escolas técnicas como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) que educavam os alunos na formação do aprendizado, que era necessário a Cia., como o ofício de marceneiro, eletricitista, mecânico, enquanto que as meninas e as mulheres eram preparadas para trabalharem na tecelagem e fiação, também os meninos eram iniciados no ensino religioso de doutrina Católica, que levava o ser humano a agradecer a quem lhe proporciona o sustento de todos os dias, pois agradeceriam principalmente a Deus e indiretamente a Companhia, esta era uma das formas pela qual a Cia. conseguia doutrinar e manipular a população.

Mas também existiam outras maneiras de manipular a população, como por exemplo, as festas realizadas pela Cia. como também jogos e exibição de cinema realizado ao ar livre, pois o Cine- Teatro- Orion com um espaço coberto de 2000m² e capacidade para 1800 pessoas, só foi construído no ano de 1944, onde as secções passaram a ser exibidas no local.

Existiam também cinco clubes recreativos na cidade: o principal era o Rio Tinto Tênis Clube que era destinado exclusivamente aos diretores e donos da fábrica, e os da gerência da Cia., organizava piqueniques com saída de ônibus em horário determinado pela mesma, eram distribuídos bebidas e comidas pela comissão de apoio, assim os operários ficavam satisfeitos e agradecidos ao coronel Frederico.

A Cia. ainda contava com os serviços dos vigilantes, que eram conhecidos como “batedores” homens fortes com treinamento policial, os vigilantes eram todos nomeados pela Companhia, tinham o poder de polícia, mas atuavam como uma milícia particular, usando a repressão e a força para castigar os arruaceiros, ladrões, assassinos e foragidos da justiça, como também algum funcionário rebelde que fosse contra os interesses da Cia. Esta rigidez desenvolvida para disciplinar era mais uma forma de se constranger implantada pelos donos da Cia, para com o seu operariado, pois não havia nenhuma reclamação ou protesto de terceiros ou de algum descontente com a maneira imposta pelos vigilantes de atuar.

Existia uma área destinada à prostituição, geralmente frequentada por trabalhadores móveis, eram encarregados das viagens de transportes dos produtos da fábrica e trabalhavam nas embarcações do porto. Esses trabalhadores na maioria eram solteiros e não possuíam famílias, quando chegavam de viagem, eram eles os frequentadores dos prostíbulos, mas tinha os horários de frequentarem determinado pela Companhia, fica claro como a Cia., manipulava a população e controlava as suas ações sem que fosse percebida, pois a maneira patriarcal como era imposta fazia com que se passasse despercebida pelos operários em geral.

Mas a Cia. não só manobrava o operariado, ela também tinha influência na política do Estado; no Governo de Argemiro de Figueiredo, o Secretário Geral do Estado era um dos diretores da CTRT, Raul de Góis, como em outras administrações existia sempre alguém ligado a Cia., na gestão do ministro Oswaldo Trigueiro de Albuquerque (1947/1950) o advogado da CTRT, Dr. José Mario Porto e Secretário Geral do Partido União Democrático Nacional (UDN) era o Secretário do Interior e Justiça do Estado. Os Lundgren, que eram filiados ao partido da UDN, sempre tiveram alguém no poder do Estado, a partir dos anos 50, depois da redemocratização, a Fábrica de Rio Tinto consegue eleger a deputado estadual Hercílio Lundgren, depois, Eduardo Ferreira, genro do coronel Frederico, a tais parlamentares cabia a função de obtenção de favores fiscais para a Companhia. Em 1955, apoiado pela Companhia, o candidato a prefeito de Mamanguape, Francisco Gerbasi, que era também empregado da Cia., ocupando um cargo importante na diretoria da Fábrica, é eleito a prefeito de Mamanguape com os votos dos operários de Rio Tinto, induzido pela Companhia a votar no seu candidato. É o começo do processo emancipatório da cidade de Rio Tinto, este projeto

teve a iniciativa do deputado Eduardo Ferreira, que teve a aprovação da Assembleia, sendo sancionado em 06 de dezembro de 1956, pelo Governador Flávio Ribeiro Coutinho, da UDN, o partido da Fábrica. Decreto-Lei Nº 7586, de 28 de maio de 1945.

Na área da saúde a Cia., amplia o posto de higiene e instala um hospital na sede do Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS), este hospital funcionava um serviço de raios-X, era composto por 50 leitos, tinha uma secção de isolamento, o corpo médico vindo do Recife era composto por cinco médicos, na sequência, vários médicos recém-formados oriundos de João Pessoa, foram contratados para prestar serviço em Rio Tinto, também eram utilizados os serviços odontológicos, no próprio hospital.

(fig. 2).



Figura 2: Hospital de Rio Tinto em 1940.

Fonte: Disponível: <http://www.riotintopb.com.br/v2006/cida.php>(2011).

Rio Tinto se tornava referência, uma cidade nordestina planejada aos moldes europeu em 1960 foi o ápice das exportações para a Europa e os Estados Unidos. Nesse momento, Rio Tinto tinha então uma das maiores arrecadação tributárias do interior nordestino, reconhecida pelos “privilégios” emprego fixo, assistência médica, casas de habitação, armazém a baixo preço destinado ao suprimento das despesas dos funcionários, a fábrica tinha no momento o funcionamento de centenas de teares em 50 galpões em uma área construída de 52 mil metros quadrados, onde caldeiras queimavam por dia 80 caminhões de lenha, gerando 15 mil empregos diretos:

O marechal Eurico Gaspar Dutra, então presidente do Brasil, ao visitar Rio Tinto em 1951, ficou tão impressionado com a potência do parque fabril dos Lundgren, que encomendou o fardamento do Exército, Marinha e Aeronáutica à Fábrica de Tecidos Rio Tinto, na época fabricante dos melhores brins e cáquis produzidos na América do Sul. Paralelamente, o grupo Lundgren fundou duas redes de lojas, que se tornariam as maiores do mundo: no Nordeste, as Lojas Paulistas e, no Sul-Sudeste, as Casas Pernambucanas, com filiais na Argentina e Uruguai. (GOUVÊIA, 2008, p. 3).

No entanto, com o fim da Segunda Guerra se aproximando e temendo a visita de Hitler, alvoroço veio a desestabilizar a economia. Rumores e agitação emergiam em meio a lendas, dentre tantas outras está em especial uma que permeia até os dias atuais, segundo a afirmação de vários ex-funcionários da antiga Fábrica de Tecidos Rio Tinto em 1945, nos derradeiros momentos da Segunda Guerra Mundial, quando o exército alemão dava seus últimos suspiros, o líder nazista Adolf Hitler teria se refugiado em Rio Tinto:

A presença de espões nazistas na Paraíba foi tão corriqueira durante a Segunda Guerra Mundial, que certo Ernest Hans ensinava às crianças de Rio Tinto (45 km ao Norte de João Pessoa), a marchar com a cadência do passo-de-ganso do Exército Prussiano. A fim de melhor popularizar a saudação marcial ao Führer, nesta parte nordestina do Brasil, ele mandava meninos e meninas colocar a mão direita em riste, juntar os calcanhares e gritar Ôxente Hitler! Este alemão que sumiu misteriosamente quando sentiu a polícia nos calcanhares, criou a versão paraibana da Juventude Hitlerista. E teria deixado aqui um legado tristemente célebre, se o Exército não tomasse providências, colocando sob vigilância os operários teutônicos da Fábrica de Tecidos da família Lundgren, hoje desativada. (GOUVEIA, 2008, p. 4).

Símbolos nazistas passavam quase que despercebidos aos olhos de uma população que se opusera a aculturação imposta pelos Lundgren. A águia é formada em alto relevo e situa-se no lado esquerdo da fachada frontal da igreja, que com sua arquitetura tipicamente europeia, a igreja foi construída a mando de Frederico Lundgren, no início dos anos 40 (fig. 3).



Figura 3: A Águia Nazista situada em alto relevo no lado esquerdo da fachada frontal da Igreja Santa Rita de Cássia em Rio Tinto.

Fonte: [http://www.riotintopb.com.br/v2006/cida.php\(2011\)](http://www.riotintopb.com.br/v2006/cida.php(2011))

Do lado direito, à mesma altura, também podemos observar uma harpa e a inscrição F.L., de Frederico Lundgren, também homenageado com estátua de corpo inteiro em um pedestal bem próximo dali (fig.4).



Figura 4. Estátua do coronel Frederico Lundgren.

Fonte: http://www.editalconcursos.com.br/wp-content/uploads/2012/05/Rio_Tinto_pb.jpg(2011).

1.2. A decadência do Grupo Lundgren

Em 1945 com o impacto que causou o fim da Segunda Guerra Mundial, os ânimos e temores despertaram a fúrias dos moradores de Rio Tinto que não aceitavam a chegada de alemães vindo refugiados da guerra e nem mesmo os que aqui já habitavam, tendo sido estes trazidos pela família Lundgren para trabalhar na Fábrica de Tecidos Rio Tinto, o que não faltavam eram fatos e boatos nesse momento, moradores temiam a chegada dos alemães por um submarino que segundo eles, iria emergir na Baía da Traição. A queda de um avião nessa mesma localidade também embasou os discursos que assombravam a população.

Poucos dias antes, um avião Folker americano saíra da Barreira do Inferno, em Natal, para fazer uma patrulha sobre o Litoral Norte da Paraíba. Sofreu uma pane e aterrisou em Baía da Traição, a 74 km de João Pessoa, diante da Aldeia do Tambá. O boato espalhado em Rio Tinto dizia que a nave fora vítima das “baterias antiaéreas instaladas no Palácio dos Lundgren”. Não foi. Até o ano de 1984 os restos do Folker ainda eram vistos no mar, a nove metros de

profundidade. Caçadores de tesouros subaquáticos deram fim às relíquias históricas. (GOUVEIA, 2008).

A população temia o anúncio da chegada de Hitler que ficaria hospedado no palacete situado na Vila Regina, construído segundo o estilo arquitetônico das vilas operárias de Manchester (Inglaterra) e Berlim (Alemanha). O palacete é formado por três pavimentos construídos em área murada de cinco hectares e afastada do perímetro urbano, se ligava ao porto fluvial do Jaraguá, com saída para o mar, chalés, e outras propriedades dos alemães foram invadidos por cerca de dois mil operários da fábrica de tecidos, os chalés dos alemães, em 18 de agosto de 1945, eles quebravam e saqueavam tudo e exigindo que os estrangeiros fossem deportados. Algum tempo depois a Companhia de Tecidos Rio Tinto acionou judicialmente o Estado em busca da indenização dos prejuízos, no entanto nunca obteve êxito.



Figura 5: Palacete dos Lundgren em 1945.

Fonte: <http://www.riotintopb.com.br/v2006/cida.php>(2011).

Nos depoimentos dos trabalhadores bem como das lideranças sindicais e políticas de Rio Tinto, o sentimento em relação ao golpe é ressaltado: “Todo mundo foi tomado pelo golpe de surpresa, ninguém esperava que acontecesse isso”. De certo modo prevalece o tom de desalento aliado à convicção difusa da esquerda, sobre a força potencial das reformas de base e de seu conteúdo mobilizador, em especial, da Reforma Agrária. (VALE, 2009, p. 03)

Embora os operários há tempos estivessem inquietos diante não apenas da Segunda Guerra Mundial mas da passividade que eles sofriam, sem falar na questão da aculturação que essa cidade com raízes puramente indígenas veio a sofrer para se adequar a um modelo europeu o golpe não foi algo planejado, e sim uma reação conjunta a temores que caíram com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial. No entanto cabe ressaltar a tamanha importância dos Lundgrens e alemães, não só na fundação, mas na construção da cidade de Rio Tinto, é aceitável a teoria de que da cidade não surgiu uma fábrica, mas que da fábrica nasceu a cidade, no entanto é nítido que com o fechamento da fábrica, mesmo em meios a

perdas em todos os âmbitos, foi nesse momento que Rio Tinto caminhou para o início de sua própria existência.

2. CAPITULO II

2.1. A Importância da Família Lundgren Para Rio Tinto

A primeira revolução industrial começou na Inglaterra no fim do século XVIII e depois se expandiu pelo resto do mundo no século XIX, teve como emblemas a máquina a vapor; a indústria do aço e as ferrovias, que trouxeram drástica redução no custo do transporte de massa. A primeira ferrovia americana data de 1826 e a construção da malha se intensificou depois da guerra da Secessão, tornando obsoletas as carroças, de pouca velocidade e volume de carga, e os canais, que congelavam no inverno. Entretanto, os saltos de produtividade só se materializaram por volta de 1880. Foi também quando começou a segunda revolução industrial, baseada, na eletricidade e no automóvel. O impacto sobre a produtividade só se tornaria espetacular na década de 20, após a primeira guerra mundial.

Durante a Primeira República (1889-1930) a economia brasileira ainda se caracterizava pelo predomínio da atividade agroexportadora. O café, o açúcar, a borracha, o cacau e o fumo eram os principais geradores de divisas para o país. Já se registrava, entretanto, o funcionamento de diversas indústrias, inauguradas desde o final do século XIX. Diversos fatores explicam o nascimento da indústria no Brasil. Um deles foi a formação de um capital inicial a partir do comércio exportador e da lavoura cafeeira. Ao aumentar a renda da população e a demanda de produtos de consumo não duráveis, a política de valorização do café também contribuiu para a expansão da atividade industrial. Outro elemento de estímulo para a indústria foi a política de incentivo à imigração. Outro? Ainda foi a Primeira Guerra Mundial, que alterou o quadro das relações econômicas internacionais do Brasil. (BORIS, 2004, p.216).

Há família Lundgren antes de vir a introduzir a fábrica têxtil na comunidade de Rio Tinto, já possuíam empreendimento em Paulista Pernambuco e em outras partes do Brasil, onde os irmãos, Hermann Lundgren, Frederico, e Ana Luise, já eram empresários de destaque principalmente no ramo têxtil. Eram proprietário de tecelagem, Fábrica de Tecidos Paulista, de Fábrica de pólvora Powder Factory, e de casas comerciais, como Casas Paulistas as que estavam localizadas no Norte, e as Casas Pernambucanas situadas no Sul do Brasil. Estas casas comerciais serviam para a venda de mercadorias fabricadas pela indústria têxtil, no grosso e no varejo, era divulgado o sortimento de todos os itens ao cliente, com os preços em

conta conseqüentemente o numero de clientes aumentava o que dava uma grande margem de lucro a família Lundgren.

Querendo ampliar os seus empreendimentos os Lundgren partem em busca de um local que fosse viável para a ampliação de suas atividades têxtil, e esse local foi encontrado no Município de Mamanguape, o Engenho da Preguiça, depois Rio Tinto, esse empreendimento que seria erguido tinha como objetivo criar um parque industrial junto com uma cidade- fabril com uma estrutura moderna no padrão de técnicas industrial mais avançado possível.

Com a aquisição das terras em 1917, pela família Lundgren, em 1918 começam os trabalhos de drenagem para a construção do colossal empreendimento, cerca de mil e quinhentos trabalhadores foram contratados para a obra, a cidade-fabril começou a ser erguida junto com a fábrica, sendo inaugurada em 1924.

Essa inauguração é prestigiada por autoridades políticas, militares, civis e religiosas da Paraíba e Pernambuco, que destaca o empreendimento como seguro e definitivo impulso para o progresso embaraçado da região. (JORNAL A UNIÃO, 1924).

Com a fábrica em funcionamento, e o grande desempenho, destacado no setor têxtil como a principal atividade econômica do município de Mamanguape, Rio Tinto diferentemente do setor nacional, apresentava um crescimento, reflexo do pesado investimento em modernização e ampliação da sua capacidade produtiva. Desta forma, o presente trabalho avalia a importância da família Lundgren para a cidade de Rio Tinto, devidos o incentivo fiscal como agente ativo do processo de desenvolvimento da cidade. Tais incentivos serviram de atrativos para que optassem por escolher Rio Tinto na região Norte do Estado da Paraíba para localizar sua unidade manufatureira.

No processo de desenvolvimento brasileiro, a indústria têxtil teve papel significativo como uma das mais antigas atividades industriais do País. Nas últimas décadas, fatores externos e internos provocaram mudanças expressivas no setor. Dentre os fatores que afetaram a indústria têxtil, destacaram-se a rápida abertura comercial e as crises políticas. Estes acontecimentos deixaram a economia brasileira quase estagnada, tais fatores afetaram negativamente o desempenho da indústria têxtil brasileira que apresentou na década de 90, declínio na produção o que levou ao fechamento da Companhia de Tecidos Rio Tinto.

A influência da indústria têxtil começa com o ciclo algodoeiro, que surge com o declínio da atividade mineradora no final do século XVIII. A família Lundgren, aproveita-se das vantagens do período para fazer funcionar o seu parque industrial, primeiramente onde foi localizada a fábrica, já constituía numa redução de custo, não era preciso transportar os trabalhadores, pois, a mão de obra tinha em abundância, além da matéria prima para o funcionamento da caldeira que praticamente era quase gratuito. Como observou Gorjuão, com os principais produtos da Paraíba em alta, e a modernização de beneficiamento do algodão em conjuntura com a primeira Guerra Mundial, dar-se a instalação de tecelagem na Paraíba.

A partir de 1916, como o incremento da demanda da matéria prima e alimentos pelos países beligerantes, nossos principais produtos de exportação alcançaram preços altos, iniciando-se uma fase de equilíbrio econômico financeiro do estado (...). O crescente aumento dos preços do algodão, aliado aos favores fiscais do governo estadual estimulou a implantação de várias usinas de beneficiamento e prensagem. Na década de 1920, foram implantadas algumas indústrias, têxtil; Marques de Almeida & Cia em 1923 em Campina Grande, (fios de algodão e sacos); Fábrica de Tecidos Rio Tinto em 1924 (Mamanguape) do grupo Lundgren e S.A Têxtil de Campina Grande em 1928. Além disto, a Fábrica Tibiry (Santa Rita) foi ampliada. (GURJÃO 1994, p. 26).

Como o setor têxtil teve um papel marcante no processo de desenvolvimento industrial brasileiro, sendo um dos segmentos mais tradicionais no país como um todo. Tal importância mantém-se no período compreendido entre as duas grandes Guerras, onde tal indústria esteve contida pela ausência de renovação das máquinas e pela estagnação do mercado. Com a capacidade de absorvência de mão de obra e geração de renda, Rio Tinto passa a ter um nível maior de desenvolvimento, sem contar que a região era propícia para a produção do algodão, principal matéria prima da indústria têxtil isto fez que se contribuiu significativamente para o desenvolvimento desta atividade. A região oferecia em quantidade e qualidade os dois principais fatores ao processo produtivo da indústria têxtil.

Antes a inauguração da Fábrica não existia a cidade Rio Tinto e sim uma vila esquecida que vivia da agricultura e da pesca, pertencente à grande Mamanguape, a fábrica causou grande impulso na economia que tinha como base a produção de produtos têxteis em grande escala, esse impulso teria fortes reflexos no campo político, principalmente no cultural e no educacional, a influência da fábrica foi tão forte que Rio Tinto denominação está depois da construção da Companhia de Tecidos Rio Tinto pela família Lundgren, viesse a galgar o posto de uma das três melhores economias do estado só perdendo, para a capital do Estado e Campina Grande, portanto a fábrica que começou a funcionar em Rio Tinto em 1924 proporcionou uma promissora realidade para o município, distante 56 km da capital

paraibana, localizada na região do Litoral Norte do Estado. Ocorreram marcantes transformações em Rio Tinto, mesmo beneficiando a maioria da população não deixando ninguém de fora de suas influencias.

A construção da fábrica teve iniciativa do coronel Artur Herman Lundgren, com o objetivo de aumentar os seus empreendimentos já existentes, visto que a família já possuía varias atividades comerciais inclusive fábrica de têxtil em Paulista. Tinha Rio Tinto uma economia atrasada, faltando muito para ascender a uma posição de destaque no Estado, principalmente em nível de cidade já que pertencia ao distrito de Mamanguape cidade sede, o que só passaria a ocorrer após a construção da fábrica têxtil da família Lundgren. Pois cidades como Mamanguape e Areia já eram bastante desenvolvidas para a época, Areia dispunha de uma das maiores feiras da província e Mamanguape tinha uma grande movimentação de importação de gêneros alimentícios, miudeza e ferragens. Ambas possuíam elite cultural e social, enquanto Rio Tinto antes da fábrica têxtil, não encontrava meios para ascender à mediana situação socioeconômica e se soltar das amarras da cidade sede Mamanguape

A Companhia de Tecidos Rio Tinto inaugurou um novo tempo no cotidiano de Rio Tinto tendo como sua principal fonte de economia industrial o tecido, juntamente com outras fontes de mercadorias e o transporte feito pelas embarcações da Cia para o comercio grossista e varejista que cresceram aceleradamente, o transporte de mercadorias aumentou com rapidez os lucros dos que lidavam com esse tipo de produtos varejistas.

Rio Tinto ao mesmo tempo também teve um aumento na oferta de trabalho possibilitado graças a instalação da indústria, expandindo a mão de obra, e o comercio também celebrava seus lucros não só com as vendas para outras localidades como também com as vendas locais.

Com a implantação da indústria, Rio Tinto teve crescimento econômico favorecendo assim a construção do Cine Teatro Orion em 1946, sua inauguração iniciou também a cidade no circuito das grandes produções cinematográficas da época, este cinema era voltado ao lazer dos operários da indústria têxtil, uma modernidade, nem encontrado na cidade sede Mamanguape, o advento do cinema na cidade foi algo extraordinário que mexeu com o cotidiano de todos. A população participou em massa da inauguração e posteriormente formaram um público sempre presente as exibições. Era um feito único na região, a dinâmica da cidade mudou e grande parcela da população se mobilizava para as secções, e mais, em

frente ao Cine Teatro Orion (Fig.6) antes durante e depois das exibições, grupos de jovens se reunião para integra-se sobre os assuntos do dia a dia. O cinema também era composto de um palco para as apresentações teatrais ou musicais, tendo exibido vários artistas conhecidos no decorrer de sua atividade, hoje se encontra transformado em casa de show, sobre a tutela de Marcos Aurélio.



FIGURA – 06 Cinema-Teatro Orion, inaugurado em 1944, com capacidade para cerca de 1.200 pessoas, um espaço de lazer dos trabalhadores patrocinado pela fábrica. Arquivo Antônio Luiz (Rio Tinto-PB).

Fonte: <http://www.riotintopb.com.br/v2006/cida.php>(2011).

Mais não só foi o cinema que a indústria proporcionou a Rio Tinto, ela simplesmente a ergueu, fazendo ruas, casarões, construções residenciais, praças, casas comerciais a maioria pertencente à fábrica, escolas públicas e privadas, e mais com a produção e as encomendas que lhe eram feitas, aumentou o numero de operários chegando a empregar, quinze mil operários. (Mello, 1988). A influencia da Família Lundgren direta ou indiretamente proporcionou condições para que outros pontos da economia do município tivessem condições de crescimentos. O poderio econômico no período áureo dos Lundgren ainda está presente nas ruas e avenidas da cidade, através dos casarões com suas belezas rústicas e ricas que permanece de pé. Não sabendo por quanto tempo, tendo em vista alguns desses casarões não pertencerem mais aos Lundgren, e os novos proprietários não tem interesse em preservar a historia do local. Esse Período ainda está presente nas pessoas que de algum modo vivenciaram ou ouviram falar deste tempo rico que não volta mais, deixando apenas

lembranças de um tempo em que o desenvolvimento econômico que mudou a vida e o cotidiano da população de uma vila, posteriormente cidade do interior do Estado da Paraíba.

Por conta de disputa política entre o distrito de Rio Tinto e a cidade sede Mamanguape, que tendo os Fernandez de Lima. Como detentor do poder político da prefeitura de Mamanguape, em que era subordinado o distrito de Rio Tinto, como proprietário da Usina Monte Alegre e prestigioso líder do PDS, partido que disputava com a UDN dos Lundgren o comando político da Paraíba, essa queda de braço entre as duas poderosas famílias residente na cidade de Mamanguape, leva a uma luta, para o desmembramento de Rio Tinto, visto que essa confrontação era derivada do campo financeiro, já que os Lundgren acusavam a prefeitura de Mamanguape de ignorar Rio Tinto, esta não queria perder a arrecadação deste distrito apenas inferior a João Pessoa e Campina Grande, esta competição com Mamanguape teria, pois estimulado para o progresso rio-tintense. O que originou um esforço por parte dos Lundgren para a transformação do distrito em cidade.

A partir de 1950 em diante, a Fábrica de Tecidos Rio Tinto dispõe sempre de um deputado na assembleia legislativa, sendo inicialmente Hercílio Lundgren, e depois, Eduardo Ferreira, compete a estes dois deputados a incumbência de conseguir a transformação do distrito de Rio Tinto, em município. Aprovado pela assembleia, o respectivo projeto, de iniciativa do deputado Eduardo Ferreira, foi sancionado em 06 de dezembro de 1956, pelo Governador Flavio Ribeiro Coutinho, da UDN, o partido da fábrica, o que mostra a influência da família Lundgren e quanto foi importante, para que Rio Tinto transforma-se em sede do município. (MELLO, 1988, p.75). Com o desmembramento de Rio Tinto da cidade de Mamanguape, o comendador Artur Hermann Lundgren foi nomeado prefeito de Rio Tinto, até quando fosse realizado o pleito eleitoral regular em novembro de 1959. O comendador candidata-se oficialmente ao cargo de prefeito de verdade, pois, antes tinha sido nomeado, sendo vitorioso nas urnas, derrotando os seus três opositores, João Batista Fernandes, Francisco Gerbasi e Assis Nogueira, sendo o comendador Artur Lundgren o primeiro prefeito de Rio Tinto, ganho com o voto popular.

Á influência dos Lundgren era tanta que no ano de 1933, o Presidente da República do Brasil, na pessoa de Getúlio Dornellas Vargas, visita Rio Tinto sendo o único município do Estado da Paraíba a ser visitado pelo presidente, foram incontáveis acontecimentos dignos de notas ocorridos em Rio Tinto desde a sua fundação, mais a visita presidencial foi o maior, levando a cidade ao conhecimento nacional. Quando a caravana presidencial adentrou a rua

da mangueira, vindo em carro aberto, estavam o presidente Getúlio Dornelas Vargas, o senhor Interventor do Estado Gratuliano Ribeiro, o ministro da aviação, José Américo e o Coronel Frederico João Lundgren, ainda havia vários jornalistas credenciados. Desde a chegada do presidente Vargas, o Coronel Frederico não o largou, à tarde visitaram a fábrica, a secção de acabamento de panos, coração e viga mestra da Companhia, foi quando exibiram para o presidente Vargas a famosa mescla cruzador azul, tecida e urdida com as duas fibras algodoeiras mais resistentes, mocó oriunda do Rio Grande do Norte, e a Santa Luzia do sertão paraibano.

Desta apresentação, e exame feito por técnicos trazidos pela comitiva presidencial, onde entrou também na lista dos examinados a gabardine de cor amarelecida, como também o kaqui (brim) meio esverdeado, de modo que, ali mesmo foi decidida a famosa encomenda presidencial, a mescla cruzador azul para vestir a marinha brasileira, a gabardine para aeronáutica, e o kaqui esverdeado para a Infantaria. Entre 1940 e 1970, o SESI e o SENAI da Paraíba figuraram entre as instituições que a Companhia fornecia tecidos, sendo a única fornecedora. Segundo Fernandes depois da visita presidencial a Companhia de Tecidos Rio Tinto, fez aquisição de mais três mil empregados para suprir a demanda da encomenda feita pelo presidente, Getúlio Dorneles Vargas, isto demonstra quanto a Família Lundgren foi importante para o desenvolvimento de Rio Tinto, já que Rio Tinto antes era simplesmente pertencente à Mamanguape, mais com o poderio da Cia Lundgren, a comitiva presidencial não visita a cidade sede do município, faz uma passagem discreta pela via principal da cidade se dirigindo a Rio Tinto, para visitação do grande parque industrial que ali funcionava o que era o orgulho do Coronel Frederico Lundgren.

Ainda com a procura pelos produtos fabricados pela indústria têxtil durante a Guerra, já que a indústria têxtil brasileira tinha se refeito da crise estrutural dos anos vinte, a indústria têxtil brasileira alcançou o topo, em prol do qual se conjugaram rendosas encomendas militares, adaptação da economia dos países centrais a suas necessidades bélicas, guerra submarinha, que funcionava como espécie de mecanismo protecionista, o Estado Novo sendo ditatorial impedindo reivindicações da classe operaria assim como a greve, o que leva a exploração da força de trabalho da classe operaria.

Foi à combinação desses fatores que levou a Companhia de Tecidos Rio Tinto a implantar outra unidade de produção, a fábrica Regina, localizada na parte mais alta de Rio Tinto, está expansão da fábrica foi instalada em tempo recorde graças ao esforço e dedicação

do chefe de obras Guilherme Jacob. A Regina, de indicação determinada pelo Coronel Frederico, só foi possível devido o esforço de milhares de operários da construção civil, oriundos de Guarabira, Sapé, e outros municípios do estado paraibano, esses trabalhadores tinham uma carga horária intensa trabalhando até durante a noite, para conclusão da referida obra.

Outro legado deixado pela Família Lundgren para Rio Tinto foi a vaquejada da independência, que foi criada no dia sete de setembro de 1947, pelo Coronel Frederico, é uma das festas mais esperadas e comemoradas da cidade, começando no dia seis e se alastrando até o dia oito, esta vaquejada que começou por motivos fúteis, entre Rio Tinto e Mamanguape, hoje se tornou tradicional vindo pessoas de varias cidades circunvizinhas inclusive de outros estados. Nesse período, o comércio local fica aquecido e movimentado, pois a cidade recebe instalações de parques de diversões e os comerciantes aproveitam esse movimento para vender todo tipo de mercadorias, de chapéus a bebidas alcoólicas também é muito comum nesta época do ano em que ocorre essa festividade as pessoas que saíram da cidade para outra cidade em busca de melhores condições de vida, retornarem em visita a alguns familiares ali residentes. Grande parte da população vai ao pátio de vaquejada para assistirem a disputa de melhor vaqueiro puxador de gado, ainda durante os festejos a cidade é acordada com o som da banda de musica municipal dando o toque de alvorada, é o inicio para a preparação do festejo. Isto tudo é um legado dos Lundgren que nenhum rio-tintense pode esconder.

3. CAPITULO III

3.1 O Algodão e a Crise Na Indústria Têxtil Nordestina

O Algodão aparece à primeira vez na história séculos antes de Cristo. Na América, mais especificamente no litoral norte do Peru, alguns vestígios foram encontrados. Sinal de que povos milenares como os Incas já manipulavam o algodão. A perfeição dos tecidos encontrados referentes a aquela época é espantosa. Já no Brasil não se tem notícias de quando exatamente o algodão surgiu. A única coisa que se sabe é que os Índios, antes do descobrimento utilizavam o algodão para suas redes, o caroço para fazer mingau e as folhas da planta para curar ferimentos. Com a chegada dos colonos ao Brasil o cultivo de algodão foi se ampliando.

Por diversos fatores:

- I. - Em São Paulo, para suprir a necessidade de roupas para os jesuítas e Índios;
- II. - No Ceará, por orientação de Martin Soares Moreno.

Porém nesse período o algodão não era tão representativo mundialmente, a lã e o linho ainda predominavam.

No século XVII, ainda período colonial, o Maranhão se destacou como um grande fornecedor de fibras para as fiações inglesas que dominavam o mercado mundial de tecidos. O algodão teve um papel fundamental na Revolução Industrial. A primeira indústria motriz foi têxtil, a qual inicialmente trabalhava com lã, substituída mais tarde pelo algodão. O Brasil e principalmente os Estados Unidos forneciam algodão para as indústrias inglesas. A exportação americana de algodão para a Inglaterra, durante a Revolução Industrial, foi o principal fator de desenvolvimento da economia americana. Nos Estados Unidos, o algodão apareceu como cultura comercial por volta de 1785. Até então, os únicos descaroçadores conhecidos eram os de “rolo” e seu pequeno rendimento restringia a produção de fibra. Em 1792, um professor chamado Eli Whitney, baseado no princípio do uso do pente, inventou o descaroçador de serra, muito mais rendoso que o descaroçador de rolo e que permitiu o grande desenvolvimento da cultura do algodão nos EUA.

Em meados do século XIX, o cultivo do algodão já representava uma das atividades tradicionais, concentrando-se a produção nacional no Nordeste do Brasil, e em algumas áreas

da Região Norte, onde a planta é nativa. Devido à sua condição de semiaridez e resistência às secas, o algodão se tornou a principal opção fitotecnica para os nordestinos. A partir do final da década de 1880, e na de 1890, desenvolveu-se, particularmente no Estado de Pernambuco, a produção de óleo de caroço de algodão, em fábricas pequenas e mal equipadas. No Estado de Alagoas, no ano 1888, passou a funcionar uma fábrica de óleo. E, em São Paulo, no Sul do país, foi inaugurada uma grande fábrica, em 1892.

Nos sertões, a agricultura desenvolveu-se à sombra das atividades pastoris, sem se salientar como excedente para trocas comerciais consideráveis. Somente com a grande seca de 1845 foi que, com a dizimação de quase todo rebanho, as culturas agrícolas nessa área adquiriram alguma visibilidade. Nesse contexto, começa a sobressair-se o cultivo do algodão e principalmente uma variedade típica do Seridó, que ocuparia um lugar de destaque na economia estadual quando o açúcar descrevia sua curva produtiva descendente a partir da década de 1880 e seria superado pelo algodão em 1905. "O algodão não seguiu a mesma trajetória que o açúcar, pois o fim da fase áurea da exportação para o mercado externo, da década de 1860, não significou sua estagnação ou retrocesso; pelo contrário, foi em anos posteriores a essa fase que se expandiu o cultivo pelo sertão norte-rio-grandense, de uma variedade de algodão característica do meio - o algodão mocó ou algodão seridoense" (TAKEYA, 1985, p. 33).

Embora prioritariamente voltado para o mercado interno em favor das indústrias têxteis nacionais, o algodão norte-rio-grandense também encontrava colocação no mercado estrangeiro. O crescimento do volume desse comércio, no entanto, era contido pela baixa qualidade de sua fibra, incompatível com a padronização dos tecidos mais elaborados, fato que o fazia pouco competitivo nos negócios de exportação. Características inferiores contribuíam para que ele se amoldasse à indústria têxtil nacional que principiava produzindo tecidos de baixa qualidade com os quais se afinavam o algodão produzido no RN.

Somente o algodão "mocó", de fibra longa, poderia ocupar esse lugar de excelência no mercado exportador internacional, posto que se destinasse à confecção de tecidos finos. No entanto, orientado para o mercado interno, o algodão nordestino perderia paulatinamente, a partir de meados da década de dez, sua posição hegemônica como principal matéria-prima consumida pela indústria têxtil do Sudeste.

As crises de oferta da fibra nordestina estariam ligadas, por um lado, às devastadoras secas que atingiam impiedosamente as lavouras sertanejas e, por outro, a uma redefinição da produção agrícola paulista, que em 1918, com a geada que destruiu os cafezais e, posteriormente, o retraimento abissal do cultivo do café com a crise de 1929, terminaram por

reorientar largo Outras variedades, como o Sea-Island e o Upland, americanos, e o Jumel, egípcio, foram testados no Rio Grande do Norte não sem antes despertar desconfiança naqueles que pensavam o desenvolvimento regional a partir da produção do puro algodão "mocó" ou "Seridó". Juvenal Lamartine de Faria refletindo sobre a inconveniência da importação de variedades exóticas no sertão, na Conferência algodoeira de 1915, assim se expressava: "não vejo nenhuma vantagem na importação de segmentos estrangeiros, principalmente americanas, donde poderemos importar também parasitas, ainda desconhecidos entre nós como o terrível Boll Weevil. No nordeste brasileiro que como disse, tem que ser o centro de nossa produção algodoeira, reputo erro, substituir por uma variedade estrangeira, quase toda anual, o nosso algodão mocó - verdadeira lavoura das regiões secas" (FARIA, 1915, p. 226).

As suspeitas de Juvenal Lamartine tinham fundamento se levarmos em conta a praga da lagarta rosada - que chegaria a dizimar 2/3 das lavouras nordestinas e teria sido possivelmente, embarcada do Egito, com os lotes de sementes de algodão importadas daquele país, entre os anos de 1910 e 1913. (Além de pragas e secas, o algodão foi fragilizado geneticamente pela hibridação natural entre o algodão mocó e aquelas variedades alienígenas). Este é um dos motivos para mais tarde vir a prejudicar a produção da indústria têxtil brasileira, que na década de setenta não consegue concorrer com as fibras sintéticas levando a o fechamento de varias indústrias no Nordeste e no Brasil.

No século XIX, os Estados Unidos já se projetavam como grandes produtores de algodão. Nessa mesma época, no Brasil, a cultura entrou em decadência. O café monopolizava a atenção dos agricultores, principalmente em São Paulo. Em 1860, a Guerra da Secessão nos Estados Unidos, paralisou em parte a exportação da fibra deste país à Europa. Este fato desencadeou um novo surto algodoeiro no Brasil, que durou pouco mais de 10 anos. No Brasil se cultivava o algodão arbóreo, de ciclo perene. No século XIX, foi introduzido o algodão herbáceo, de ciclo anual e fibra curta. Imigrantes norte americanos que se estabeleceram em Santa Bárbara, município do interior de São Paulo, orientavam os agricultores brasileiros que não tinham experiência com a nova planta. Com a restauração da produção nos Estados Unidos, a cultura do algodão no Brasil regrediu consideravelmente, mas não se extinguiu. Somente por ocasião da 1º Guerra Mundial, que coincidiu com a forte geadas de 1918 que devastou os cafezais, o algodão teve outro surto em São Paulo.

A indústria têxtil, nascente no país, utilizava num primeiro momento, matéria prima proveniente do Nordeste, em seguida, do próprio estado de São Paulo e, posteriormente, também do Paraná. Alguns fatores contribuíram para que, naquele século, a cotonicultura se

expandisse no Nordeste do Brasil: 1^a. A abertura dos portos às nações amigas, em 1808; 2^a. O crescimento da população e, via de consequência, o aumento do consumo de tecidos; e o 3^a. A paralisação da produção norte-americana, em decorrência da Guerra de Secessão, que impediu os Estados Unidos de atender à demanda do mercado europeu.

Na década de 1910, a Companhia Industrial de Algodão e Óleos (CIDA), organizada com capital brasileiro, iniciou um extenso programa de investimentos para descaroçar algodão na Região Nordeste. O programa recebeu uma ajuda considerável do Governo Federal e dos Governos Estaduais que se interessaram. Sendo assim, foram instaladas nove usinas de descaroçamento, em diversos locais de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará.

Na cidade do Recife, construiu-se um complexo industrial que centralizou a produção e refinação de óleo; e Campina Grande, na Paraíba, tornou-se uma grande produtora de algodão da região. A cotonicultura, explorada por pequenos e médios agricultores, passou a representar uma atividade de grande importância socioeconômica, tanto na oferta de matéria-prima para a indústria têxtil e oleaginosa, quanto na geração de empregos e renda. Historicamente, era chamada de “ouro branco”, pela riqueza que gerava.

Mesmo sendo baixo o padrão tecnológico, o cultivo do algodoeiro no Nordeste sempre teve papel de grande relevância, tanto como cultura de reconhecida adaptabilidade às condições edafoclimáticas da região, como fator fixador de mão de obra, gerador de emprego e de matéria prima indispensável ao desenvolvimento regional e nacional. Apesar da importância econômica e social, nas duas últimas décadas, observou-se um declínio drástico na atividade algodoeira nordestina. Diversos problemas concorreram para inviabilizar a produção algodoeira no Nordeste, sobressaindo-se a incapacidade de convivência com o bicudo (*Anthonomus grandis* Boheman), preços subsidiados no mercado internacional, a abertura do mercado brasileiro (o governo facilitou a importação de fibras subsidiadas do exterior) e as atrativas condições de financiamento externo do produto. Com o desmantelamento da cadeia produtiva do algodão no Nordeste, o Brasil passou da condição de um dos maiores exportadores de algodão para a de maior importador. Diante deste cenário, a partir de meados dos anos 90 passou-se a observar mudanças drásticas na cotonicultura brasileira, como o deslocamento dos plantios das tradicionais áreas de cultivo em agricultura familiar da região Nordeste, Sudeste e Sul para as áreas dos cerrados brasileiros do Centro-Oeste e Oeste do estado da Bahia e o uso de novas práticas culturais.

O cultivo do algodão nos cerrados brasileiros passou a ser uma atividade de elevado nível tecnológica, explorada em grandes módulos de produção. Com a ocupação dessa nova

fronteira agrícola para o cultivo do algodão, houve uma grande recuperação da cotonicultura nacional. Atualmente, os cerrados brasileiros, especialmente da região Centro-Oeste e do Oeste do Estado da Bahia, contribuem com mais de 85% do algodão produzido no país. A Região Centro-Oeste e o Oeste da Bahia têm se consolidado como locais de produção tecnicizada, moderna e empresarial o que confere ao algodão brasileiro qualidade superior ou equivalente aos melhores algodões do mundo. Os industriais brasileiros já se conscientizaram de que uma indústria têxtil forte, com crescimento sustentado, capaz de se manter competitiva em nível mundial e garantir a entrega das encomendas no mercado, precisa de uma base de produção local para não ficar sujeita aos transtornos e incertezas de um adequado fornecimento de pluma oriunda do exterior.

Portanto, é do interesse da indústria a produção local do algodoeiro, aproveitando-se de vantagens como a proximidade dos plantios e o baixo custo do transporte, dentre outras. O algodoeiro é a mais tradicional das culturas do semiárido nordestino, havendo na região crescentes estoques de conhecimentos e tecnologias desenvolvidas para o seu cultivo. Existe também uma grande quantidade de produtores tradicionais da cultura que podem ser motivados com políticas sérias para revitalização da produção. É hora, pois, de se adotarem medidas em conjunto com vistas ao fortalecimento de todos os elos da cadeia produtiva do algodão no Nordeste e, nesse contexto, devem os agricultores se organizar em defesa de seus direitos, e os governantes adotarem mecanismos de incentivo e apoio à produção. A indústria têxtil tem como objetivo a transformação de fibra em fios, de fios em tecidos e de tecidos em peças de vestuário, têxteis domésticos (roupa de cama e mesa) ou em artigos para aplicações técnicas (geotêxteis, airbags cinto de segurança etc.). As indústrias têxteis têm seu processo produtivo muito diversificado, ou seja, algumas podem possuir todas as etapas do processo têxtil (fiação, tecelagem e beneficiamento) outras podem ter apenas um dos processos (somente fiação, somente tecelagem, somente beneficiamento ou somente fiação e tecelagem etc.).

A manufatura dos tecidos é uma das mais velhas tecnologias do homem. Os tecidos conhecidos mais antigos datam aproximadamente do ano de 5.000 AC. As primeiras fibras a serem transformadas em fios foram o linho e o algodão. A automação da indústria têxtil coincidiu com a Revolução Industrial, quando as máquinas, até então acionadas por força humana ou animal, passaram a serem acionadas por máquinas a vapor e mais tarde, motores elétricos. É interessante observar também que a indústria têxtil foi pioneira no controle de máquinas por dispositivos binários, através dos cartões perfurados usados nos

teares jacquard. É dividida basicamente em fiação,tecelagem,malharia,beneficiamento de tecido e confecção, podendo ser uma indústria verticalizada, com todos os processos, ou ainda ter somente uma ou algumas fases da produção.

Outros processos intermediários como, por exemplo: engomadeira ou engomagem. A indústria têxtil possui também setores administrativos, manutenção e apoio. A indústria têxtil pertence a cadeia produtiva têxtil, cujo início se encontra nos produtores de matérias-primas (algodão e demais fibras), insumos (corantes textéis, pigmentos textéis, produtos auxiliares etc), e nos fabricantes de máquinas e equipamentos têxteis. A mesma encerra-se no comércio de venda final ao consumidor. Após o surgimento das fibras sintéticas como o acrílico, o poliéster e a poliamida, o consumo destas no mundo inteiro cresceu acentuadamente, pois conferiam brilho, resistência, toque e uma elaboração desde a tecelagem até o acabamento muito mais simples que as fibras naturais. A fibra de viscose oriunda da celulose, quando criada, dava sinais que reuniriam muitas das qualidades das fibras sintéticas, porém com uma grande vantagem: o conforto, devido ao seu alto grau de hidrofiliidade. A sua maciez e brilho invejáveis infelizmente trouxeram um efeito indesejado após algumas lavagens, a excessiva formação de pilling. Novamente a moda voltou-se para as fibras sintéticas além do uso das tradicionais fibras naturais. A insatisfação do uso das fibras sintéticas fez surgir, nos fabricantes de viscose, alternativas para melhorar o produto. Foi quando surgiram as fibras de segunda geração tal como modal, tencel, conferindo bem menos formação de pilling, além de toque e um caimento diferenciado. Algumas soluções no processo de tecelagem, aonde a união da fibra de viscose com a poliamida e até mesmo da lycra, vêm obtendo efeitos muito satisfatórios, onde se alia as vantagens da poliamida como estabilidade e brilho. Em geral, estes fios, por serem bastante elaborados, têm um custo mais elevado, Outras soluções desta vez no processo de fiação como a fiação tipo “rotor spun” ou até mesmo SIRO spun têm resultado num fio com as tradicionais qualidades da viscose, porém com muito menor pilosidade. Estes fios em geral têm um custo mais competitivo, que prometem destronar as fibras sintéticas.

Como já foi exposta a economia tem suas transformações no longo da historia, visto que em quase toda região da Paraíba existia plantação de algodão, em Cuitégi, existia uma indústria de sisal, em Alagoa Grande também existia as descaroçadoras e uma indústria de grande porte para o beneficiamento e prensagem do algodão. Mais com o surgimento dos fios sintéticos derivados do petróleo, apresentando melhor qualidade e preço mais baixo

em relação ao produzido nas pequenas terras e fazendas. Nesse momento há um declínio significativo na plantação do agave e surge então o cultivo da cana de açúcar.

As terras que plantavam o agave agora passaram a cultivar a cana, os bancos financiam os grandes produtores, os fazendeiros, mas os pequenos não são beneficiados nessa nova economia, e substituem o agave por outras culturas, pois logo nos primeiros anos da década de 60 começou a desigual concorrência entre o algodão e as fibras sintéticas, para agravar mais a situação surge a praga do bicudo, que dizimou o algodão nos anos 80.

Com o agave sofrendo o descaso dos governantes paraibanos desde 1960, problema que afetaria as economias da Paraíba e da Região Nordeste, este são os problemas enfrentado pela indústria têxtil do Nordeste o que leva a muitas fecharem as portas, inclusive a Companhia de Tecidos Rio Tinto.

Mesmo querendo acompanhar as modernizações que vinham acontecendo no Sul do país, a Cia deu inicio as mudanças, Em 1962 a fábrica beneficiou-se do programa da SUDENE, com a compra de novos equipamentos e reformas nos galpões, como a colocação de ferros naqueles que possuíam cobertura de zinco, a fabrica passou a produzir tecidos de melhor qualidade. Mais a Cia necessitou dispensar operários, fazendo em um total de 1236 pessoas. Entre os anos de 1963 e 1964, mais 2.000 pessoas foram demitidas, com a desativação de uma tecelagem localizada no alto da Vila Regina. (PANET, 2002, p. 37).

No final da década de 1960, com outros projetos encaminhados á SUDENE, as mudanças tecnológicas da Cia, haviam- se concretizado, embora ainda existissem máquinas antigas trabalhando com as modernas, o que aprofundou as desigualdades tecnológicas entre setores, prejudicando a produtividade geral. Este foi um dos fatores que concorreu para a decadência da indústria têxtil do Nordeste, especificamente a Fábrica de Tecidos Rio Tinto, que não suportou a concorrência com a indústria do Sul do país. Aos poucos a Cia, foi desativando suas instalações e, em 1983, a Fábrica de Tecidos Rio Tinto fechou suas portas.

A Cia negociou algumas casas, alguns prédios públicos e começou a vender suas terras. A maioria foi destinada ás destilarias de álcool, que as usam no plantio da cana-de-açúcar, cultura típica da região desde os primórdios da sua ocupação. Com o Programa Nacional do Álcool ou PROÁLCOOL, instituído em 1975, como alternativa para a crise energética causada pela alta de preços do petróleo no mercado externo, a maioria das terras

do município de Rio Tinto foi destinada, a partir da década de 80, ao cultivo da cana-de-açúcar, desfigurando completamente a paisagem da região e destruindo grande parte das reservas de mata atlântica que ainda existia no local. De 1981 a 1985, a Companhia de Tecidos Rio Tinto se desfez da maioria de suas terras. (EGLER, 1986, p.163).

Hoje Rio Tinto não vive mais em função da indústria têxtil ela encontra-se parada, antigos funcionários e seus familiares moram em casas próprias negociadas pela Cia, como forma de pagamento dos direitos trabalhista pelo tempo de serviço prestado. Estes operários aposentados passam os dias nos terraços das casas ou nas calçadas. A maioria se acomodou ou sentem-se cansado pelos longos anos de trabalhos, anos de subserviência ao antigo sistema fabril, e conseqüentemente, encontram-se sem forças para retomarem o trabalho em outras funções independente. Hoje a cidade respira por outros pulmões, filhos dos antigos operários ou pessoas novas na região, que trabalham nas usinas de álcool e propriedades próximas ou no comercio e instituições locais. O turismo é outra atividade que vem se desenvolvendo na região. Possuidor de belas praias, o município de Rio Tinto é, hoje, conhecido internacionalmente devido á presença do peixe-boi marinho, animal em extinção que utiliza o estuário do rio Mamanguape para a sua reprodução e alimentação.

Estas e outras histórias contadas, algumas em forma de mito, fazem de Rio Tinto uma cidade pitoresca e cheia de surpresas para aqueles que a investigam. Quem apenas passa por lá não imagina que, naquele cenário organizado, calmo pela grande quantidade de pessoas idosas, e a primeira vista, lugar sem perspectiva de futuro, esconde em suas entranhas alguns mistérios e histórias do inicio da nossa industrialização, cravada principalmente na memória dos antigos operários e na estrutura espacial da cidade. (PANET, 2.000, p. 39)

Mesmo sem funcionar, a fábrica ainda controla o desenrolar da cidade, quando não abre suas edificações para visitaçao e uso do público. O acesso ao interior das instalações fabris é controlado por vigias do Grupo Lundgren, mais muitas de suas repartições já foram vendidas, Há pequenas indústrias instaladas em alguns de seus galpões, gerando empregos diretos e fonte de renda aos cidadãos locais. Um núcleo da (Universidade Federal da Paraíba) está instalada nas imediações da fábrica. O grande parque industrial que ali existiu foi sucumbido pelo tempo, resta só na lembrança dos que trabalharam e participaram do seu tempo áureo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das nuances entre o projeto de controle socioeconômico e político proposto pela família Lundgren e o conhecido “quebra-quebra” promovido pela população insatisfeita nos leva a compreender um pouco da história do atual município de Rio Tinto-PB. Numa perspectiva histórica, é possível percebermos que a cidade, tal qual concebemos a definição da palavra, surgira a partir de conjecturas de estrangeiros que encontraram na região de Rio Tinto um lugar perfeito para geração de riquezas e estruturação de uma cidade no modelo europeu, sobretudo inglês e alemão. Nesse sentido, tentaram desprezar a cultura e organização popular local, com ressalva para grupos indígenas remanescentes naquela localidade, que desde os primórdios sofreram com o processo de ocupação de suas terras. Com a instalação da fábrica dos Lundgren, as áreas indígenas tornaram-se alternativa de expansão de suas capacidades de produção, portanto os embates entre esta família e os indígenas foram sempre muito frequentes.

Mas não só os indígenas sofreram com a hegemonia Lundgren: as pessoas que vieram a compor os cidadãos de Rio Tinto eram em sua maioria operários da fábrica e seus familiares, que sofreram o amargo sabor do não reconhecimento de sua classe e passaram longos anos de subserviência para o enriquecimento e manutenção do poderio de terceiros. Porém, mesmo sendo este o caminho que levou à constituição da história de Rio Tinto, a resistência popular, mesmo que diminuta e silenciosa, crescia naquele local. Mesmo com o paternalismo e assistencialismo imposto pelos Lundgren para com o povo, numa clara tentativa de controle social, os operários e suas famílias sentiam a necessidade de mudança. Os próprios indígenas, talvez os que mais resistiram aos projetos estrangeiros, tentaram impedir a todo custo o total controle sobre suas terras.

Seria totalmente incorreto afirmar que Rio Tinto surgira exclusivamente a partir das ideias e ações dos Lundgren, mas sim de uma mescla entre este fator e a vida operária daqueles primeiros habitantes de Rio Tinto. A reação pode ter demorado mais que o habitual, tendo necessitado ter sido aceso o estopim, mas com o fim da Segunda Guerra e os rumores de um controle estrangeiro nazista mais forte que o dos próprios Lundgren levou a população a agir e promover o famoso “quebra-quebra” em Rio Tinto, o que configurou em larga medida a decadência daquela estrutura social imposta e, podemos afirmar o início da formação de Rio Tinto tal qual hoje a conhecemos, diferente em sua organização sócio-política e econômica, mas sem esquecer sua história e as lendas e rumores que constituem a força de seus populares,

é importante também destacar os aspectos positivos da presença da família Lundgren como o fato de colocar Rio Tinto em evidência não só na Paraíba como terceira maior arrecadação do estado, mas também a nível regional é inegável a contribuição do ponto de vista da arquitetura belíssima sendo que muitas das instalações da antiga fábrica foram adaptadas e atualmente funcionam escolas, universidades além de muitas das residências que eram destinadas aos diretores da fábrica hoje pertencerem a pessoas da cidade, não poderíamos deixar de destacar também a cultura do algodão que foi um fator de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade com essas características torna-se evidente o grande potencial desse município para se desenvolver na área do turismo desencadeando o desenvolvimento da cidade e conseqüentemente deixando orgulhoso cada habitante dessa bela cidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Paulo Marcos de. **Índios Camponeses (Os Potiguaras de Baía da Traição)**. Tese de Mestrado apresentado ao programa de Pró-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1970.

ARGAN, Getulio Carlo – **Historia da Arte Como Historia da Cidade**, 1992.

BAUMANN, Renato, **O Brasil e a economia global**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

COSTA, Adailton Coelho. Mamanguape: a fênix paraibana. João Pessoa: Grafset, 1986.

BARROS, Amélia Farias Panet. **Rio Tinto - História, Arquitetura e Configuração Espacial**. In: _____ (et al.). **Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano**. 1 ed. João Pessoa: UNIPÊ Editora, 2002. 161 p.

BORIS, Fausto. **História do Brasil** – Editora Edusp: São Paulo: 2004.

EGLER, Tâmara Tânia Cohen. **Moradia e Trabalho em Rio Tinto**. In: **Relações de Trabalho e Relações de Poder: Mudanças e Permanências**. Mestrado de Sociologia – UFC – Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais (NEPS). Fortaleza – CE, 1986.

FARIA, J. L. de. **O algodão no Rio Grande do Norte**. In: SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA – PRIMEIRA CONFERÊNCIA ALGODOEIRA. 1915, São Paulo. Annaes. São Paulo: s/e, 1915.

FERNANDES, João batista. **O extinto Rio Tinto**. Rio Tinto: [S. ed.], 1971.

GOES, Raul de. **Um Sueco Emigra Para o Nordeste**: Editora J. Olympio, Rio de Janeiro, 1963.

GOUVÊA, Hilton. **A pujança dos Lundgren**. João Pessoa: Jornal União, 2008

GURJÃO, Eliete de Queirós. **Morte e Vida das Oligarquias – Paraíba (1889- 1945)**. João Pessoa: Universitária. 1994.

MARCUSE, H. **Razão e revolução**. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

MOURA, Esmeralda. **Crianças operárias na recém-industrializada** São Paulo. In DEL

PRIORE, Mary (org.) **Historia das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto. 1999.

PANET, Amélia de Farias ET al. **Rio Tinto: Estrutura Urbana, Trabalho e Cotidiano**. Editora UNIPÊ, João Pessoa, 2002.

TAKEYA, D.M. **Um outro Nordeste – o algodão na economia do Rio Grande do Norte: 1988-1915**. Fortaleza: BNB/etene, 1985.

VALE, Eltern Campina. **Tecendo fios, fazendo *história***: a atuação operária na cidade-fábrica Rio Tinta (Paraíba, 1959-1964). Fortaleza: Universidade Federal do Ceara, 2008. (Dissertação de Mestrado)

REFERÊNCIAS ELETRONICAS

CHAVES, Frutuoso. **Lembranças do Nazismo na Paraíba.** Disponível em: http://www2.uol.com.br/JC/_2000/2011/cp2011_1.htm. Acessado em: 08/12/2014.

SILVA, Ademilson José da. **Foi uma paixão mal resolvida que deu origem ao grupo Lundgren no Brasil.** Disponível em: < http://amoriotinto.blogspot.com/2010_03_01_archive.html > Acessado em: 05/11/2014.